

Ontologias Feministas no ciberespaço: discursos e contra discursos RadFem¹

Fabiana Jordão Martinez - Universidade Federal de Goiás / Regional Catalão.

Palavras Chave: teoria feminista; discursos do feminismo radical; redes sociais.

Introdução

As feministas da segunda onda (feministas radicais) não se chamavam assim, esse termo surgiu para diferenciar o feminismo de raiz (radical) das novas reformulações do feminismo. Estas, em vez de ter caráter revolucionário, são na verdade reformistas, portanto, o feminismo radical é o feminismo não adaptado. Feministas radicais são críticas a ideologia de gênero queer ou transativista, bem como ao capitalismo e o sistema racista (ressalto que também são contra opressões relacionadas a esses sistemas). O feminismo radical se opõe, também, a pós-modernidade acadêmica, que cada vez mais se infiltra no feminismo. O feminismo radical se baseia na ideia de que gênero é a fundação do sistema político de dominação masculina. Portanto, é uma construção social criada para naturalizar a exploração sexual feminina, impondo papéis e estereótipos a mesma, e por isso deve ser abolido. Outro ponto-chave é a diferença na socialização feminina e masculina. Socialização vem de sociedade e todo indivíduo passa por isso. Vivemos em uma sociedade patriarcal, misógina, capitalista e racista, por isso, somos todos socializados para consumir, homens são socializados para serem machistas, mulheres são socializadas para serem submissas e brancos são socializados para serem racistas. Afinal, ninguém é machista do nada².

Há uma espécie de “retorno do reprimido” nos blogs e redes sociais. Feministas das jovens gerações, não se sentindo contempladas pelas produções feministas e de estudos de gênero mais contemporâneas, estão se apropriando do referencial teórico produzido entre as décadas de 70 e 80, na chamada segunda onda do feminismo. Mais que isso: tendem a rejeitar as categorias e conceitos trazidos pela epistemologia pós estruturalista como gênero, performance ou identidade. Para isso, traçam uma distinção entre um suposto feminismo “real” (que denominam de “não modificado” ou original) e um feminismo que consideram “academicista” e pouco pragmático, que por sua vez ocultaria as raízes da dominação e supremacia masculinas, e por isso, sustentaria o que chamam de pensamento malestream. (Thompson, 2010). O motivo, supostamente seria o apagamento e quase dissolução da categoria mulher pelo conceito de gênero, bem como o ofuscamento de pautas consideradas relacionadas diretamente “as mulheres” pelo movimento transativista que eclode no Brasil a

¹ Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF

² Post da Pagina Feminismo Radical para Iniciantes, junho de 2016.

partir de 2000 no movimento feminista e a partir de 2010 na internet (Coacci, 2014). Assim, em espaços mistos (físicos e virtuais) onde estão presentes mulheres trans e cis, as especificidades das segundas não estariam sido contempladas adequadamente – se tornou uma espécie de tabu gerando desconforto nas companheiras trans falar sobre processos reprodutivos, parto, menstruação, corpo. Por outro lado, as pautas de mulheres trans (nome social, transfobia, mercado de trabalho dentre outras) tem sido consideradas divergentes de um feminismo que abarque todas as mulheres, e mais propícias a serem contempladas pelo transfeminismo.

Embora não seja novo e nem exclusividade do contexto latinoamericano o debate sobre a inclusão de pessoas trans em espaços feministas, no Brasil, foi somente na década de 2000, com a lenta entrada destas pessoas, que o debate ganha força. No cerne da discussão, não se trata apenas de como incluir outras, mas é principalmente uma questão ontológica: se trata de saber em que medida realmente essas pessoas são “mulheres”.

Assim, a eclosão desta nova onda do feminismo radical, que na internet tem se autodenominado “RadFem”, tem buscado marcar não só uma nova posição ao sujeito do feminismo, como alinhar suas práticas a esta episteme. Segundo Miguel (2016), a simpatia que geralmente cerca as reivindicações dos transgêneros faz com que exista pouca crítica a seus pressupostos e sua prática. Dentro disso, o rótulo de transfóbico tem sido aplicado a qualquer um que questione os fundamentos ou as práticas da corrente transativista. E de fato, entre 2016 e 2017 em meio a eclosão de nova “consciência feminista” na internet, foi possível observar que uma verdadeira guerra envolvendo acusações, zombarias e insultos se travava entre o universo RadFem e vertentes alinhadas aos movimentos transativistas³. De um lado, as RadFem eram apontadas como causadoras do sofrimento de minorias devido aos seus discursos supostamente violentos contra pessoas trans e de assim, se aliarem aos setores conservadores da sociedade propagando discursos de ódio: do sofrimento e criminalização de trabalhadoras sexuais a morte e violência transfóbica contra pessoas transgeneras. De outro, as RadFem procuravam responder a tais acusações ao mesmo tempo em que marcavam as linhas de seu pensamento, em grande parte alinhada a crítica teóricas em relação ao

³ Me refiro a emergência de uma nova “consciência feminista” facilitada nos últimos anos pelas tecnologias digitais e pelo acesso maciço e crescente de jovens interessados na temática feminista e que com isso, tem disseminado, produzido e atualizado uma nova epistemologia do conhecimento feminista esteja contribuindo para que este ganhe novas feições. Em recente artigo (Martinez, 2017), tentei dar conta do papel do ambiente web como *locus* de ação e reflexão de grupos feministas na construção de uma nova epistemologia do conhecimento feminista, mais reticulada, fluida e multivariada. Para tanto, foi feito um levantamento de grupos de discussão feministas e traçada uma tipologia classificatória das vertentes e categorias emergentes.

transativismo como Janice Raymond e Sheila Jeffreys⁴. Segundo Sheila Jeffreys (apud Miguel, 2016), todos aqueles que apresentam críticas em relação ao transativismo são alvo de campanhas difamatórias e sofrem represálias; como poucos se dispõem a arcar com esse ônus, boa parte da reflexão crítica sobre o tema estaria confinada a *blogs* assinados por pseudônimos_ e agora, nas redes sociais.

Neste trabalho, me proponho a compreender o universo de significação da vertente do feminismo radical na internet, o RadFem. Para além disso, busco compreender como as teorias do feminismo radical da segunda tem sido apropriadas, atualizadas e disseminadas em uma nova epistemologia feminista: as principais categorias e conceitos chaves utilizados, bem como o alinhamento destes a questões contemporâneas.

Em pesquisa anterior, foi constatado um crescimento significativo de grupos de discussão em português na rede social Facebook durante os anos de 2016 e 2017. Na realidade, dentre os grupos de discussão vinculados as demais correntes do feminismo (Intersessional, Liberal, Queer, Negro, Marxista), chama atenção o fato de que esta foi a que mais cresceu congregando também o segundo maior numero de participantes⁵. Primeiro, trato dos discursos sobre “mulheridade”, atentando para as definições dadas a mulher e a questões como socialização feminina, estereótipos de gênero e transgeneridade na infância. Depois, trato da questão sobre o sujeito do feminismo enfocando as visões sobre a transsexualidade.

Em relação a metodologia, os dados foram coletados de posts do Facebook ligados a chamada vertente do Feminismo Radical. Foi analisado um total de oitenta posts coletados entre os periodos de 2016 e 2017. Todos foram extraídos de páginas de comunidades, grupos

⁴ A primeira, em 1979 publicou seu polêmico livro “The Transsexual Empire: The Making of the She-Male”, onde investiga as raízes psicológicas, sociológicas e médicas do transsexualismo (conceito da autora) na sociedade e argumenta que este fenômeno reforça os estereótipos tradicionais de gênero _o que iria na contracorrente das pautas do feminismo radical. Sua preocupação é mostrar as maneiras pelas quais a medicina e a psiquiatria estariam medicalizando a identidade de gênero, bem como o contexto social e político que ajudou a eclodir as terapias e tratamentos de transsexuais. Assim, o que ela chama de “processo transexual”, é construído artificialmente e cirurgicamente em lugar de ensejar uma mudança profunda que encorajaria o desenvolvimento existencial do sujeito. Sheila Jeffreys, dentre seus diversos livros de orientação feminista radical escreveu sobre a indústria da beleza, sobre prostituição e pornografia, o papel da religião no cerceamento dos direitos das mulheres , a construção da lesbianidade e sobre transsexualidade (Lamarão, 2015). Em Gender Hurts, Sheila Jeffreys investiga quais são as consequências do surgimento do transgênero enquanto categoria política e acadêmica, os efeitos deste fenômeno para as comunidades gay e lésbica e se o fenômeno da transgeneridade é, afinal, transgressor ou conservador. Ela afirma que seu trabalho, assim como o de Janice G. Raymond, oferece uma abordagem crítica acerca do fenômeno da transgeneridade, o que se coaduna com sua militância enquanto feminista radical, embora não a resuma, como se depreende das suas demais pesquisas.

⁵ Entre 2016 e 2017, os grupos de discussão em português sobre feminismo radical do Facebook somavam o total de 18 com cerca de 6000 participantes no total. De longe este era o maior numero de espaços de discussão em relação as demais vertentes do feminismo e o segundo em volume de usuárias. MARTINEZ, F.J. O Conhecimento Feminista Na Era Digital: Grupos De Discussão Do Facebook Como Uma Nova Epistemologia Do Conhecimento. In: Anais do 13o Women’s World & 11o Fazendo Gênero, 2017, Florianópolis. 2017.

e de perfis de mulheres que se auto declaram como feministas radicais ou feministas materialistas (os dois atributos se mesclam como atributos-valores nas definições emicas deste universo). Os critérios de seleção destes componentes levaram em conta o seu grau de atividade, bem como as relações estabelecidas entre a pesquisadora e sua rede de amigos no Facebook (perfis que a primeira mantém adicionados de mulheres ditas Feministas Radicais).

Assim, apesar de evidente a impossibilidade de cobrir a totalidade de posts no Facebook em todas as comunidades, grupos e perfis existentes sobre o tema, é possível tratar o universo de dados aqui coletados como um *campo discursivo de ação* (ALVAREZ, 2014), serem agenciados por diferentes fluxos e que opera com uma dinâmica de movimentação que extrapola a sociedade civil e se constrói por meio de um emaranhado de interlocuções; trata-se de campos que *“se articulam “discursivamente através de linguagens, sentidos, visões de mundo pelo menos parcialmente compartilhadas, mesmo que quase sempre disputadas, por uma espécie de gramática política que vincula as atoras/es que com elas se identificam”* (Alvarez, 2014, pp.19). Neste sentido, Alvarez (2014) faz questão de situar que os campos discursivos de ação se entrelaçam em redes, teias e/ou malhas costuradas que, para além de interligar e cruzar ideias, discursos, pessoas, grupos/instituições organizados, também “interconectam” sujeitos e agrupamentos menos formalizados, como as manifestações políticas nas ruas e como a mídia e internet.

É possível também estabelecer uma tipologia do conteúdo das postagens coletadas. Nas comunidades e grupos há dois tipos de postagens: em primeiro lugar, artigos e reportagens de outros sites e blogs postados em grupos e comunidades e em segundo lugar, postagens das usuárias destas páginas. Por fim, há um terceiro tipo de postagem, que para este trabalho tem sido significativo: trata-se das postagens de mulheres que se auto declaram Feministas Radicais seus próprios perfis. Estas, geralmente são consideradas formadoras de opinião, que muito embora possam ter uma participação limitada ou até mesmo nula em páginas de comunidades ou grupos de discussão, possuem certa influência na rede social Facebook. Em muitos casos, seu renome pode preceder o Facebook, e advir do do ativismo em outros ambientes virtuais como listas de discussão, blogs e caixas de comentários de blogs famosos como o “Escreva Lola, Escreva”⁶. Via de regra, isso significa que estes atores possuem certo volume de seguidores (não detectável pelo perfil público do Facebook), posts

⁶ Site da blogueira Lola Aronovich, que teve seu início em 1998 e até hoje é considerado pelo campo discursivo de ação feminista cibernético o instrumento pioneiro e iniciatório por excelência de muitas mulheres durante os anos 2000 ao feminismo cibernético. Como se sabe, neste período, além de blogs feministas que foram se tornando de grande penetração como o Escreva Lola, escreva, o conhecimento feminista também era difundido através de comunidades do Orkut, rede social que precedeu o Facebook em termos de amplitude e difusão entre brasileiros.

replicados em conexões feministas como perfis pessoais, páginas de comunidades e de grupos de discussão.

Mulher, uma ontologia

O que é ser mulher? R.: Certamente não é calçar "nossos" sapatos. Essa é uma pergunta desnecessária se feita às mulheres, já que afirmar que mulheres são pessoas adultas do sexo feminino não é algo extraordinário. Mulheres são reconhecidas pelo sexo feminino, observadas como sendo do sexo feminino (e por serem do sexo feminino) e mundialmente tratadas de acordo com isso. Mulheres não feministas provavelmente vão responder usando aspectos culturais que obviamente vão variar, assim como o grau de romantização. Beleza, feminilidade, sensualidade, sensibilidade, delicadeza, maternidade e intuição são certamente coisas que serão citadas por essas mulheres, pelo menos aqui nesse canto na América do Sul.[...] Agora, se estudando observamos uma subordinação que ocorre universalmente (de modo que vai ser mais ou menos violento), se observamos que ela ocorre exclusivamente com um dos sexos, então temos uma conclusão objetiva. Se a subordinação é imposta às pessoas do sexo feminino com base em suas possibilidades reprodutivas então temos uma resposta clara⁷.

Na epistemologia do universo RadFem o corpo aparece como locus de opressão sexual e desigualdade e suas categorias de análise são particularmente, mulher, opressão e patriarcado. Em termos teóricos, elas trabalham com uma idéia global e unitária de poder, o patriarcado, numa perspectiva na qual cada relacionamento homem/mulher deveria ser visto como uma relação política. Sendo assim, o pensamento RadFem se alinha aos debates a respeito de uma suposta universalidade da subordinação da mulher, consequência de uma associação entre o feminino com a esfera da reprodução e da perpetuação da espécie (Firestone, 1976; Rosaldo, 1979; Ortner, 1979). Nesta tese, as causas da opressão das mulheres estão visivelmente localizadas no processo reprodutivo; a reprodução se coloca como o obstáculo histórico que faz com que as mulheres sejam definidas em uma relação de alteridade e hierarquia com o homem (Heilborn, 1993). O corpo feminino, é o ponto de partida material a partir do qual os fatos são criados. Dentro disso, os papéis desempenhados por homens e mulheres na reprodução da espécie são fatores fundamentais de onde derivam as características que tornam possível a dominação que os homens exercem sobre as mulheres. O papel das mulheres no processo reprodutivo _ uma vez que são os únicos seres humanos capazes de engravidar e amamentar e dado que os bebês humanos têm um período extraordinariamente prolongado de dependência física_ as torna prisioneiras da biologia, forçando-as a depender dos homens. Nesta perspectiva, o feminismo radical considera que para liberar as mulheres é necessário

⁷ Página Chez Toble (já extinta), postada por Chez Toble. 19/08/2017.

derrotar o patriarcado. Isso só seria possível se as mulheres adquirissem o controle sobre a reprodução e sobre seus corpos _ agora, com direito ao aborto e métodos seguros de não procriação. A meta do movimento feminista deveria ser não apenas a eliminação do privilégio do homem, mas a eliminação da própria distinção sexual (Firestone, 1976).

Nestas linhas de pensamento, a “condição” compartilhada pelas mulheres _ e da qual se deriva a identidade entre elas _ estaria ancorada na biologia e na opressão por parte de uma cultura androcêntrica.

Para o feminismo, "gênero" é a materialização de um sistema de desigualdade entre os sexos, um sistema de opressão contra pessoas do sexo feminino. Uma hierarquia social que estabelece o papel do masculino dominante e do feminino subordinado ao masculino, através da imposição de normas de como os sexos devem se portar, quais as suas obrigações, funções, prerrogativas, de como as pessoas devem ser. Um sistema que explora mulheres como mães, esposas, objetos sexuais, prostitutas, cuidadoras, responsáveis pelo trabalho doméstico e reprodutivo⁸.

A partir das definições falocentradas da mulher é que surgiu o gênero, o gênero feminino, os estereótipos de gênero. Gênero nada mais é do que: a definição masculina do que é mulher a partir de necessidades e sentimentos centrados nesse sujeito falocentrado. Às mulheres nunca foi dada a possibilidade de definir, nós mesmas, a partir de nossas experiências, o que é a condição feminina. NUNCA. É fundamental pra manutenção do patriarcado nos negar isso e garantir que pessoas do sexo masculino nomeiem, definam e narrem o que é ser mulher, o que é a condição feminina⁹.

Na teoria *queer*, gênero deve ser tratado como aspecto da identidade pessoal/social, através de uma conexão ilusória com a biologia, portanto instável e passível de subversão_ em um sistema onde mulheres e homens rejeitam o sistema binário, identificam-se como “foras-da-lei do gênero” (por exemplo, queer, trans) e demandam reconhecimento por uma série de identidades de gênero_ um sistema de gêneros infinito. Já no feminismo radical, e consequentemente no RadFem, gênero é um sistema de relações sociais/de poder hierárquicas estruturadas em uma divisão binária entre “homens” e “mulheres”, onde a categorização está usualmente na base do sexo biológico, sendo o gênero uma coisa social ao invés de biológica_ por exemplo, masculinidade e feminilidade são definidos diferentemente em diferentes tempos e espaços. Portanto, uma política de gênero radical prevê o dismantelamento do poder masculino e, assim, do inteiro sistema de gênero (Cameron & Scanlon, nd)

As temáticas e linhas de pensamento do atual feminismo radical que guia o movimento RadFem são pautados pelas seguintes pressupostos: 1. mulheres formam uma classe social e política baseada no sexo anatomico; 2. Mulheres são oprimidas por homens e

⁸ Perfil pessoal A.C. 14/04/2017.

⁹ Página Debates do Feminismo Radical, postada por Coletiva Feminista Radical Matinta. 19/08/2017.

esta é uma opressão primária pautada pelo poder e não pela diferença sexual; 3. O feminismo radical é um feminismo criado por mulheres para mulheres e trata-se de um feminismo revolucionário (porque não é só reformista) em que a igualdade não é suficiente. (Rowland e Klein, 1996). E apesar do evidente fundacionismo biológico que serve de vetor a suas pautas, o movimento RadFem insiste no caráter material da opressão feminina e em uma suposta identidade ontológica compartilhada entre as mulheres (a “mulheridade”) que advém de sua condição sexual.

Nesta perspectiva, conceitos-chaves e categorias de análise que emergiram após a década de 70 substituindo mulheres e dominação masculina, como gênero e micropoderes, têm sido visivelmente rejeitados pelo universo RadFem. Enquanto as correntes pós-estruturalistas retêm a questão do poder nos marcos de dispositivos microcentrados e discursivos como a heterossexualidade compulsória, apontando papel da linguagem nas significações de sexo e gênero que indicam sua volatilidade e possibilidades de desconstrução (Butler, 2003), por sua vez o movimento RadFem reforça que poder é mantido pelo patriarcado através da materialidade das significações sexuais. A noção de patriarcado tem sido reforçada como um componente que se assenta na dominação masculina ao invés de aparatos discursivos de micropoderes e de estratégias linguísticas que efetivam a heterossexualidade compulsória (Butler, 2003); a experiência das mulheres (Scott, 1994; Klein, 1996) emerge como princípio ontológico em detrimento a subjetividades monádicas e categorias identitárias e; relacionado ao sistema capitalista, a apropriação e exploração de corpos femininos.

Embora na década de 70 muitos trabalhos do feminismo radical até certo ponto se contrapunham ao marxismo por não ver necessariamente o capitalismo como a raiz das opressões, mas somente o patriarcado, é nítido que no universo RadFem patriarcado e capitalismo aparecem como duas estruturas da modernidade articuladas, duas formas de se produzir e de reproduzir a vida a partir de relações de dominação e de expropriação, em especial dos corpos e da autonomia das mulheres. Neste plano, os discursos do RadFem apontam sua oposição em relação ao Feminismo Liberal por não ver como solução o empoderamento de indivíduos, mas derrubada de um sistema, no caso o patriarcado. É por isso que determinados conceitos das teorias pós-estruturalistas não fazem sentido neste cenário: identidades e performances são insuficientes para operar na luta pelo reconhecimento do direito das mulheres. Pois para além de uma categoria fundamentada em uma ontologia, “mulher” é uma categoria sócio-histórica fundamentada em um *modus operandi* que muito embora adquira contornos históricos espaciais particulares, que se cristaliza em associações tradicionais contíguas a evidência biológica do fator reprodutivo.

Nesta perspectiva, a luta pela “libertação das mulheres” (outra categoria recorrente no discurso) deve ser focada em todas as formas que consideram ser de exploração de corpos femininos (da reprodução, passando pela prostituição, pornografia e indo até a questão da objetificação na publicidade e da ditadura da beleza). A socialização infantil sobretudo de meninas, emerge como pilar central na luta contra a opressão feminina e o sexismo.

Sendo poucas e o trabalho muito, nosso foco tem que ser em mulheres adultas e meninas: mais especificamente em mulheres adultas que ensinem suas meninas. [...] Educar meninas e meninos da mesma forma, com espaço para desenvolverem suas capacidades plenamente nas áreas de que mais gostam, sem que sejam coibidas a "atividades femininas" - olha que curioso - não apenas liberta essas meninas mas liberta os meninos também. Se eles vão mudar no futuro aí foge ao nosso controle, mas é importante que elas estejam seguras para que possam se defender.¹⁰

É desde a infância que mulheres devem ter consciencia de seus corpos e das formas como ele é apropriado pelo sistema capitalista e pelo patriarcado. Embora gênero seja considerado intrínseco as significações sexuais adquiridas pelos corpos femininos, é possível que ele, junto a seus estereótipos e divisão do trabalho sejam rompidos.

No universo RadFem, a discussão sobre socialização feminina e estereótipos de gênero ganhou novos contornos a partir de 2017, durante a veiculação da novela global A Força do Querer, que trazia uma personagem que se descobria homem trans ao longo da trama, após diversas rejeições a seu corpo e a idéia de adequar-se aos estereótipos femininos. Mesmo namorando um rapaz e tendo diversos embates com a família, Ivana decide passar pela terapia hormonal (ainda que sem acompanhamento médico) e mais tarde, fazer a cirurgia de mastectomia (retirada dos seios), se tornando homem trans. Em uma postagem em sua página pessoal, a autora ilustra através de Ivana o pensamento RadFem sobre o caráter potencialmente violento da socialização feminina. Ela argumenta que Ivana desde cedo foi “empurrada para a feminilidade” pela mãe, que ao invés de respeitar a individualidade e resistencia da filha a feminilidade, sempre a pressionava mais criticando seu “jeito desleixado” de se vestir e se arrumar. Além da mãe, outras pessoas de seu meio também a empurravam de volta a feminilidade, como sua prima e sua psicóloga_ que ao invés de ajudá-la compreendendo que a idéia de feminilidade é potencialmente violenta, acreditava que os problemas iriam se resolver quando Ivana encontrasse a sua “própria feminilidade”. Para a autora, o desconforto de Ivana com seu próprio corpo não foram causados por um “cérebro no corpo errado”, discurso comum em narrativas de pessoas trans, mas pelos estereótipos que lhes foram empurrados desde cedo. Assim, haveria mulheres que se adequam e outras que resistem a eles.

¹⁰ Página Chez Toble (já extinta), postada por Chez Toble. 19/08/2017.

Há muitos, muitos motivos para que a gente se sinta "elefantes de saioté" ao olhar no espelho, odeie os seios e até nossa vagina. O "não se sentir plenamente confortável em seu corpo", conhecemos bem! Fazer de Ivana um homem trans é reforçar para o público a ideia de que o desconforto da personagem é um problema individual e sem explicação... Quando na verdade é uma questão coletiva e como vimos tem uma explicação simples: misoginia. A misoginia é que faz com que empurremos pessoas com vagina dentro da maldita caixinha rosa. E quando elas não encaixam direito (porque ninguém encaixa totalmente) a gente diz que elas "não parecem mulheres", "parecem um moleque", gostam de "coisas de menino". Fazer de Ivana um homem trans é reforçar a ideia de que mulheres só podem ser de um jeito, ideia que o feminismo luta há séculos para destruir¹¹.

É Naomi Wolf (1991) quem afirma que se no século XIX a beleza feminina esteve relacionada a patologização e controle de seu aparelho reprodutivo, mantendo-a fora da esfera pública e confinando-a na esfera doméstica, a partir do século XX, a beleza feminina se torna sinônimo de saúde, transformando mulheres saudáveis e bonitas em mulheres doentes e feias, e através de seus argumentos apontando e criando defeitos onde eles não existem. Inclusive a medicina estaria reclassificando como doença a atitude de liberdade com relação ao mito da beleza (mulheres que deixam os cabelos brancos, ou engordam, e permitem deixar aparecer os sinais do tempo). Diferente do corpo masculino, o corpo feminino seria sempre tratado como "defeituoso" ou "deformado", criando uma legião de mulheres descontentes. Assim, a insatisfação feminina para com seu próprio corpo seria um componente atrelado a socialização e aos estereótipos de gênero impostos neste processo. No pensamento RadFem, os discursos que explicam a transsexualidade de mulheres biológicas (homens trans) se aproximam muito desta questão e são de ordem diferente das explicações transsexualidade de homens biológicos (mulheres trans). Tornar-se um homem trans e todos os componentes que antecedem este processo, seria um processo ligado a inadequação radical de determinadas mulheres em encaixar-se aos estereótipos e normas de gênero e as técnicas corporais genderizadas de nossa cultura. Grosso modo, homens trans seria uma solução radical a mulheres que se rebelaram contra a misoginia. Do conjunto de valores, costumes, instituições através dos quais mulheres são forjadas aos rituais estéticos de beleza e juventude aos quais são impelidas, a feminilidade se torna muitas vezes um processo vivenciado a duras penas por grande parte das mulheres ocidentais¹².

Assim, em uma sociedade ideal, estes estereótipos de gênero deveriam ser rompidos desde a infância. Isso significa que a masculinidade e a feminilidade deveriam ser repensados

¹¹ E.R. perfil pessoal. 13/05/2017.

¹² Em minha tese de doutorado tratei deste sentimento de rejeição e inadequação a feminilidade vivenciado de maneira generalizada por modelos profissionais, ícones de beleza em nossa cultura. Ver MARTINEZ, F.J. De menina a modelo, entre modelo e mulher: gênero, imagens e experiências". Tese de doutorado defendida no IFCH/Unicamp, 2009.

possibilitando que meninas e meninos se desenvolvessem livres de sexismo. Esse debate conduz a outra temática insurgente nas páginas RadFem: a questão da transgeneridade na infância e a existência de crianças trans. O gosto por determinados tipos de comportamentos, roupas, brinquedos ou amigos deve ser respeitado e não sinaliza parâmetros de anormalidade, como a própria ciência médica nos fazem crer. Segundo Jeffreys (2014), a própria comunidade médica carrega em si um discurso sexista e homofóbico para “diagnosticar” (e patologizar) comportamentos infantis que irão rotular como transgeneridade. Meninos que gostam de brincar de bonecas_ ou meninas que não gostam _ são apresentados como vítimas de um transtorno de identidade de gênero. Eventualmente, passarão por avaliação sendo submetido à "correção" de seu sexo biológico¹³. Tal violência só é possível sob a égide de uma ideologia que vê os papéis estereotipados de gênero como naturais e absolutos. Por isso, os transtornos de identidade de gênero na infância tem sido muito criticados e até negados pelo movimento RadFem. Dentro desta temática, na página Feminismo Radical Didático, em um texto intitulado “Criança Trans: realidade ou mito pós moderno? ”, a autora relata:

Em meio ao falatório sobre identidade de gênero, discursos sobre a transgeneridade infantil estão cada vez mais populares. Materiais que contam a história de meninos e meninas que “se sentem errados” em seus corpos são compartilhados em redes sociais, com narrativas apelativas (imagem abaixo) que visam sensibilizar o público. Quem será que deu essa justificativa? A criança pensou sozinha ou alguém moldou seu pensamento? Bem, antes de apontar minha opinião sobre esse assunto, vou falar um pouco sobre minha própria infância (final da década de 90/anos 2000). Quando criança, eu costumava vestir as roupas dos meus primos — camisetas, bonés, bermudas e até mesmo sandálias “mais masculinas”, maiores que meus pés. Reclamava sempre que tinha que usar vestido e, claro, detestava rosa. Ainda pequena, fui levada para uma aula experimental de balé. Na saída, depois que minha mãe perguntou se eu havia gostado, pedi para aprender karatê (desejo não realizado, infelizmente). Eu, em 1997: [...] Preferia brincar com carros, motos, bonecos, animais ou dinossauros de plástico. No recreio, andava com os meninos, pois nenhuma brincadeira das meninas me agradava. [...] Lembro também de uma situação específica, no sítio, em que meus primos não queriam me deixar brincar com eles, dizendo que apenas meninos podiam participar. Irritada com a ideia, gritei para todo mundo que a partir daquele dia eu não era mais menina, e que meu nome seria Max. Eu tinha uns 8/9 anos. Provavelmente, se isso acontecesse nos dias de hoje, eu seria considerada uma criança trans. Simplesmente porque, ao ver da sociedade, meu comportamento era “típico de um menino”. Para alguns ativistas e “especialistas”, Max seria meu nome social, uma identidade a ser respeitada¹⁴.

¹³ Embora a terapia hormonal através de bloqueadores da puberdade sejam uma realidade dos critérios de diagnóstico de disforia de gênero, deve fazer parte de um criterioso protocolo proposto pela Sociedade Brasileira de Pediatria que inclui o acompanhamento de uma equipe multiprofissional durante o período de no mínimo dois anos. Contudo, o documento propõe como critérios de diagnósticos da disforia na infância componentes sociais, como “a preferência por se vestir com roupas do sexo oposto, ou, a preferência por brinquedos, jogos e atividades do sexo oposto ao gênero designado. Além disso, o documento sugere que quando a questão surge na idade pré escolar, 90% dessas crianças voltarão a ficar satisfeitas com seu sexo biológico. Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP), Disforia de Gênero: Guia Prático de Atualização, no 04, junho de 2017

¹⁴ Página Feminismo Radical Didático 16/08/2017. Link para: <https://medium.com/qg-feminista/crianças-trans-1d8139da7ce0>. Acesso em 10/10/2018.

Na sequência, a autora defende que tratam-se apenas de estereótipos que são reforçados e impostos a criança e que ao invés de rotularem-na como trans, simplesmente entendessem que a recusa a estes estereótipos e mesmo o desejo de pertencer ao gênero oposto é normal e não deve se tornar uma questão farmacológica de saúde. Continua:

Se uma menina diz que quer ser menino, não significa que ela deva se preparar para inundar seu organismo com medicamentos, a fim de inibir os efeitos da puberdade. Em vez disso, ela precisa saber que pode fazer o que quiser, que o fato de ela ser uma fêmea não vai impedi-la de seguir seus sonhos. Da mesma forma, se um menino diz que quer ser menina, não deve ser submetido a tratamentos estéticos e farmacêuticos irreversíveis¹⁵.

Parte destes argumentos tem sido embasados na ideia de que estereótipos de gênero são impostos e qualquer desvio dos mesmos provocariam nos indivíduos sensações de inadequação. Em uma postagem feita em um perfil pessoal de uma ativista que se identifica como RadFem, são citados dois casos que têm despertado a opinião pública para a questão da transsexualidade na infância: o primeiro diz respeito a Shiloh, filha da famosa atriz Angelina Jolie, que aos onze anos, supostamente estaria transicionando para o gênero masculino, e o segundo referente a uma notícia em que uma menina foi expulsa de uma partida de futebol feminino por acreditarem se tratar de um menino. Pergunta a autora: “Como lidar com crianças assim?”.

A primeira possibilidade é adotarmos um ponto de vista feminista. Para o feminismo, não há nada de errado com elas. São garotas saudáveis, com corpos e cérebros perfeitos, que se recusam a se comportar como membras da classe subalterna à qual pertencem. Roupas, cortes de cabelo, comportamentos, brinquedos, profissões... para nós, nada disso é "de menino" ou "de menina". [...] Assim, sob o ponto de vista feminista, o que precisamos fazer é, simplesmente, respeitar e amar estas meninas como são. Explicar-lhes que elas não precisam ser meninos para fazerem nada na vida. Pode ser necessário um acompanhamento psicológico para que aprendam a lidar com a sociedade misógina e para que compreendam que um eventual ódio ao corpo não brotou naturalmente de suas mentes, mas sim foi alimentado por essa mesma sociedade. Se pudéssemos resumir a primeira alternativa em uma só frase de fácil compreensão, seria: MENINAS TAMBÉM SÃO ASSIM.[...] ¹⁶.

O sujeito do feminismo

Na teoria feminista “mulher” é um conceito que sempre esteve em disputa. Desde meados da década de 1970, o debate sobre o sujeito do feminismo tem sido central, levantando perguntas como: quem pode se autointitular feminista? Quem pode falar pelo feminismo? Quem pode participar dos espaços feministas? A adesão a estes recortes nem sempre foi um processo tranquilo e sem fissuras, pois exigiu um olhar para dentro de toda

¹⁵ Idem.

¹⁶ Perfil Pessoal de E.R. 23/07/17.

episteme produzida até então e para fora destes Outros que não se viam contemplados por ela — negras, lésbicas, mulheres das classes trabalhadoras, latino americanas, mães, transsexuais.

Diversos trabalhos têm mostrado que embora até metade da década de 70 “mulher” fosse um significante inquestionável, em meados da década de 80 ganha força uma dinâmica de penetração lenta e conflituosa destas categorias no movimento feminista (principalmente de mulheres lésbicas e de mulheres transsexuais). Estes sujeitos também reverberaram na epistemologia feminista implodindo as descrições fundacionistas e fixas da categoria mulher. Enquanto lésbicas denunciaram a experiência da heterossexualidade como modelo feminista, mulheres negras, também questionaram o etnocentrismo do movimento, já que a opressão das mulheres brancas era tratada sem qualquer recorte relativo à etnia e a classe social. Ao mesmo tempo, mulheres transsexuais começaram a reivindicar a entrada nos espaços feministas alegando que por se tratar de um movimento social, depende de idéias e não de anatomia; assim homens e pessoas trans com visão feminista poderiam ser absorvidos dentro dele (Santiago, 2016). Isso exigiu que o feminismo repensasse seu sujeito, suas práticas e suas epistemes não mais a partir de uma categoria ontológica e material (“mulher”) e sim a partir de uma pluralidade política e identitária (Nicholson, 2000; Piscitelli, 2002). Para Linda Nicholson (2000) este movimento exigiu um deslocamento entre uma noção de mulher embasada no fundacionismo biológico, onde a biologia (sexo, anatomia) é assumida como base sobre a qual os significados são construídos (socialização, personalidade, comportamento) para uma noção política e plural, mais aberta que levasse em consideração a historicidade e variabilidade dos significados corporais até os diferentes sentidos para “mulher” forjados nas identidades.

Quero sugerir que pensemos no sentido de "mulher" do mesmo jeito que Wittgenstein sugeriu pensarmos o sentido de "jogo", como palavra cujo sentido não é encontrado através da elucidação de uma característica específica, mas através da elaboração de uma complexa rede de características. Essa sugestão certamente leva em conta o fato de que deve haver algumas características — como a posse de uma vagina e uma idade mínima — que exercem um papel dominante dentro dessa rede por longos períodos de tempo. Considera também o fato de que a palavra pode ser usada em contextos nos quais essas características não estão presentes — por exemplo, nos países de língua inglesa antes da adoção do conceito de "Vagina" ou em sociedades de língua inglesa contemporâneas para se referir aqueles que não possuem vagina, mas que se sentem mulher (isto é, transsexuais antes da operação). Mais do que isso, se nossa referência incluir não só o termo inglês “Woman”, mas também todas as palavras que o traduzem, esse modo de pensar o sentido de "mulher" se torna ainda mais útil. (Nicholson, 2000: pp. 27)

Relatando o 10º Encontro Feminista Latinoamericanos e do Caribe, Alvarez (2003) afirma que naquele contexto, muitas das preocupações sobre a diversidade passavam pelo

receio de que muitas diferenças fragmentassem o movimento feminista; assim as crescentes demandas por reconhecimento das desigualdades entre mulheres exigia um mínimo denominador comum, em algo único que as unisse. Sobre pessoas trans, a questão não era somente sobre como incluir 'outras' no feminismo e nos encontros_ afinal desde a década de 80, lésbicas, jovens, faveladas, indígenas e negras já estavam participando e reinventando o feminismo_, mas como lidar com esses 'novos' sujeitos e feminismos e principalmente saber como e em que medida realmente essas pessoas “eram mulheres”.

Este debate ainda permeia alguns espaços feministas aqui e acolá e no universo RadFem a não receptividade a pessoas trans, surge como traço marcante justamente por sua categoria chave ser “mulher”. É por não possuírem as mesmas experiências comuns e terem supostamente vivenciado o peso do patriarcado de formas diferentes que suas pautas são muito diferentes que as das mulheres “biológicas”.

Os transsexuais seriam mais honestos se lidassem com sua forma específica de agonia de gênero que os inclina a quererem uma operação transsexualizante. [...] O lugar para lidar com este problema, no entanto, não é na comunidade de mulheres. O lugar para confrontar e resolver isto é entre os próprios transsexuais. As pessoas devem poder fazer escolhas em relação a quem querem ser. Mas devem poder fazer *qualquer* tipo de escolha? (Raymond, 1994, trad.minha)

O argumento das ontologias diferenciais tem sido frequentemente utilizado no universo RadFem. Em um post no grupo de discussão Dialogos do Feminismo Radical contém um vídeo em inglês intitulado “Trans Women are Women. This isn't a debate”, a autora questiona se o feminismo deveria abarcar ou somente apoiar a causa trans. A maioria das respostas coincidem com os argumentos de Raymond sobre a questão do reconhecimento de pessoas trans e sua inclusão no feminismo, girando em torno do reconhecimento de que a luta de pessoas trans é importante, porém são pautas diferentes e específicas que não podem ser abarcadas pelo movimento feminista. Este, deve manter o foco nas mulheres que foram socializadas como tal desde a infância e sofrem opressão por isso. Reproduzo alguns dos comentários:

Pessoas ditas trans (porque pro feminismo radical trans não é mulher e ponto, apesar de nada nos impedir de respeitar as pessoas, os pronomes e nomes que elas querem ser chamadas, etc) importam, são categoria marginalizada devido a não se enquadrar no gênero que o patriarcado designa de acordo com sexo, mas não quer dizer que fazem parte da luta feminista. Não sofrem opressão misógina, ainda que tomar pra si elementos femininos possa ocasionar situações decorrentes dela. Misoginia tem a ver com o sexo feminino, porque recai sobre mulheres por poder gerar. Travestis não precisarão fazer um aborto e não serão atendidas, não sofrem desde crianças com a adultização e erotização infantil, pressão estética, pedofilia em números maiores, violência obstétrica, infanticídio por ser menina em países como a Índia, mutilção genital, prostituição infantil, casamentos infantis, falta de voz até pra exigir do

parceiro que usem métodos contraceptivos. São algumas das coisas relacionadas à socialização feminina pela qual essas pessoas não passam, ainda que sofram muito porque gênero é uma prisão e se tornam vítimas de violência por diferir da norma. (P.A)

Temos sempre que abraçar todas as causas e a nossa fica em segundo plano. Sim, mulher trans (assim como homem trans) sofre, mas não é por isso que tem os mesmo objetivos de luta que nós. (A.B)

Dentro desta perspectiva, um ponto que tem sido alvo de hostilidades e acusações é a luta pelo reconhecimento de pessoas trans serem tratadas de acordo com suas identidades. Pois se de um lado, estas estão associadas a violência e a falta de direitos, de outro, como pôde ser visto acima, as questões que as envolvem são consideradas de outra ordem (transfobia, reconhecimento das identidades, uso de banheiros femininos, conjugalidade, mercado de trabalho) que não a de um feminismo que luta por mulheres biológicas. Neste sentido, a questão das diferenças na socialização é um argumento que reiteradamente emerge nos discursos RadFem como algo intrínseco a condição feminina e portanto, mais poderosa do que qualquer performance de feminilidade.

Transativistas sugerem que nós, feministas radicais, nos opomos ao uso de maquiagem por pessoas do sexo masculino. Negativo. Usem o quanto de maquiagem quiserem, nenhum problema, somente importa que nada disso faz com que homens sejam mulheres. Pois embora o uso desses itens de "embelezamento" tenha sido imposto a pessoas do sexo feminino, assim como todos os outros atributos de feminilidade, ser mulher não é passar batom. O processo de socialização determinado pela genitália humana desde o nascimento da pessoa é o que diferencia entre homens e mulheres e divide o patriarcado em duas castas sexuais. Os estereótipos de "gênero" são demarcadores sociais, mas a origem da opressão feminina está na sua vagina. Ademais, sua capacidade reprodutiva é explorada pela casta sexual masculina. Ou seja, quando homens passam batom eles continuam pertencendo à casta masculina, não ocorre absolutamente nenhuma transformação no patriarcado. Porém, quando homens passam a fazer uso dos estereótipos impostos femininos e afirmam que são mulheres por isso, eles não estão fazendo nada menos que reafirmar a opressão feminina como natural¹⁷.

No pensamento RadFem, a feminilidade é performance de gênero, que nas palavras de Butler (2003) é um artifício que implícita nos atos, gestos e atuações que expressam uma essência ou identidade autênticas. Estes componentes são fabricações manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos ao longo da vida e em meio ao processo de socialização. A performance de feminilidade é um processo imposto pelo patriarcado que o feminismo radical tem buscado romper. Contudo, a feminilidade em si não faz de ninguém "homens" ou "mulheres"; é preciso algo mais para a mulheridade e isso só é possível através de uma história de vida como mulher". Assim, Janice Raymond (1994)

¹⁷ Postagem no perfil pessoal de A.C.

afirma que pessoas trans e mulheres tem experiências de socialização diferentes em suas histórias de vida e portanto, possuem ontologias muito diferentes.

Nós sabemos que somos mulheres que nasceram com cromossomos e anatomia feminina, e que sendo ou não socializadas para sermos a chamada “mulher normal”, o patriacado tem nos tratado e vai nos tratar como mulheres. Transsexuais não têm tido esta mesma história. Nenhum homem pode ter essa história de vida de ter nascido e ter sido situado nessa cultura como uma mulher. Ele pode sim ter tido em sua história a *vontade* de ser uma mulher ou de *agir* como uma mulher, mas essa experiência de gênero é a de um transsexual, não a de uma mulher. Cirurgias podem dar os órgãos femininos internos e externos artificiais, mas não podem lhe conceder a história de ter nascido uma mulher nesta sociedade. (Raymond, 1994. Trad.minha)

Embora nas narrativas de pessoas trans este processo tem sido apontado como algo problemático que se dá em meio a rupturas e incongruências, o movimento RadFem tem insistido que ainda assim, a socialização masculina se dá em meio a determinados privilégios que faltam à socialização feminina. A performance de gênero (ou nos termos transativistas, a transição) de pessoas trans é considerada componente da subjetividade e principalmente, um vetor que reforçaria os estereótipos de gênero.

Esta posição tem sido sustentada por Sheila Jeffreys (2014). Para ela, os pressupostos e práticas que orientam a transgeneridade ofuscam e enfraquecem a categoria mulher e contribuem para desestabilizar a binaridade de gênero, uma vez que reforça estereótipos e papéis sexuais, essencializando gênero como categoria ontológica e intensificando as expectativas em torno de pessoas do sexo feminino. Para ela, o homem que se “sente mulher”, desconfortável no próprio corpo, é aquele que quer andar maquiado e de salto alto, mostrar-se frágil e hiperemotivo _ reforçando associações clássicas entre mulheres e estes comportamentos, as quais o feminismo tem se esforçado por dissolver. No discurso da transgeneridade estariam implícitas as idéias de que "masculino" e "feminino" seriam, ao menos em parte, "naturais e tanto precedem a socialização quanto suplantam o sexo biológico". Por isso, o post acima termina afirmando a idéia de que homens transgeneros reafirmam a opressão feminina. O discurso transgênero representaria um recuo em relação à denúncia da "feminilidade" como construção ideológica e como instrumento de dominação.

Quais são os privilégios masculinos que os transformistas possuem? [...] Começando pelos exemplos famosos, tem sempre o Bruce Jenner, que quando jovem se destacou enormemente como atleta... Em uma área exclusiva para homens. Veja, não existe uma categoria feminina para o decatlo, então se Bruce fosse uma mulher ele não teria se destacado, não teria sequer competido, não importando sua qualificação. Como eu não trato as coisas dessa forma, vou deixar vocês decidirem se isso é ou não um privilégio. Bruce teve filhos, SEIS para ser mais exata. Ele não foi mãe de nenhuma dessas crianças, não gestou, pariu ou amamentou: foi pai. Um pai que gostava de vestir as calcinhas das filhas adolescentes, mas ainda assim, um pai. [...] Em 2015

Bruce se envolveu num acidente de carro que matou uma mulher. Foi depois desse acidente que nosso super-atleta, super-pai e quaaaase super-herói se transformou. Viver 65 anos como um homem bem sucedido dificilmente traz alguma vantagem, quiçá sensação de merecimento. Então, qual é a violência que Bruce sofre? A de ser reconhecido como o homem que ele lutou a vida inteira pra ser? De ser chamado de homem? [...] Juno era um jovem que se relacionava apenas com mulheres, se dizia não-binário e que posteriormente, após um "certo episódio" envolvendo seu nome, se disse transformista. [...] O privilégio é que ele "encerrou sua caminhada de ~gênero~. Juno largou o transformismo, "voltou" a ser o homem que sempre foi. Resumidamente, deixou de usar saia e disse que não era nada daquilo que vocês estavam pensando - Juno não é mais um homem que foge dos padrões de vestimenta, mas um homem normal, que não sofre violência (que bom pra ele!), e ele poder ter feito essas escolhas identitárias, a "ida" e a "volta" marcam muito bem a posição de vantagem em que sempre esteve. [...] Se num mundo desigual e misógino homens nascem, crescem, estudam, exploram suas sexualidades, se casam, têm filhos e fazem carreira como homens, então... É, ou pelo menos deveria ser inegável para feministas que eles desfrutaram de vantagens [...] Então, que feminismo é esse voltado para essa suposta "abdição" de privilégios, "desconstrução" de masculinidades? Por que focar nisso, em vez de focar em problemas femininos? Se o objetivo é deixar homens confortáveis pra usar determinadas roupas, por que a insistência de tratar essas coisas como questões de mulheres?¹⁸

Nesta longa postagem (da qual foram subsumidos alguns trechos e exemplos), a autora elucida alguns pontos importantes do pensamento RadFem. Em primeiro lugar, a questão do sujeito do feminismo e o protagonismo das mulheres, implícito na fala de o feminismo deve se focar nos “problemas das mulheres” e não nas reivindicações de mulheres trans para terem suas identidades reconhecidas. Segundo, a questão da performance de gênero calcada num tipo de voluntarismo que a permite ser tratada como uma escolha _visto que sempre que os sujeitos desejarem podem retornar ao status inicial Segundo, a socialização masculina de caráter compulsório que torna possível trajetórias e status masculinos privilegiados socialmente_ homens que conquistaram sucesso profissional em suas áreas, algumas das quais inexistentes para mulheres e constituído família nos moldes tradicionais. É claro nesta análise, assim como Miguel (2016) se dirige a análise de Jeffreys (2014), o foco recai em um coorte privilegiado, a saber:

transgêneros de classe média, intelectualmente sofisticados e mesmo acadêmicos. Seu transgênero é um privilegiado, que brinca de mudar de identidade e faz escolhas com grande liberdade. Uma realidade muito distante, por exemplo, de milhares de travestis no Brasil, que não têm acesso à escola ou ao mercado de trabalho, que sofrem cotidianamente as mais diversas formas de violência, incluindo uma altíssima taxa de homicídios, e que acabam condenadas à prostituição e à criminalidade. (Miguel, 2016)

Em todo caso, nesta postagem é interessante que a um só tempo a autora expõe o caráter fictício e paródico da feminilidade _através do tipo de linguagem utilizada, onde tudo leva a crer que a ironia, o sarcasmo e a zombaria implícitos no tratamento de pessoas trans

¹⁸ Página Chez Toble (extinta), 21/07/2017.

pelo nome de nascimento e no uso do termo “transformismo” para aludir as transsexualidades_ e denuncia como mulheres trans acabam por reforçá-los através da performance¹⁹. Nas palavras de uma comentarista deste post, pessoas trans ao invés de quebrar estereótipos, reforçariam a idéia de que o mundo é dividido em “coisas de homens” e “coisas de mulheres”.

E é com base nisso que questionamentos ao RadFem a respeito de um suposto fundacionismo biológico ou essencialismo tem sido respondidos. Subjetividades calcadas em estereótipos de gênero seria um pressuposto tão essencialista quanto a afirmação de que o processo de socialização tem uma base sexual: “sinto-me mulher pois sempre gostei de coisas de menina”.

[...] por qual motivos ~radis~ chamam os homens que ESCOLHERAM esse papel cultural de 'mulheres', ainda que trans? [...]Então porquê diabos quando aparece uns caboco marfeio que o Steve Buscemi dizendo que se "sentem" "mulher" porque desde criança queriam brincar com barbie e gostam de passar batom POR QUÊ a galera aceita que esses caras são "mulher"? Já ocorreu que assim, a gente diz que a socialização é forçada com base sexual? Que ela não é "natural", mas cultural? Já ocorreu que essencialismo é o caboco achar que porque ele gosta de balé ele só pode ser uma mulher?²⁰

Assim mais que uma escolha, a transsexualidade de homens biológicos diferente da transsexualidade de mulheres biológicas calcadas em uma suposta rejeição pela feminilidade, tem sido frequentemente considerada uma espécie de fetiche pela feminilidade (expressão que é recorrente no universo RadFem). No pensamento RadFem, ainda que possa ser falha, a socialização de homens que se tornam mulheres trans passou em sua socialização pelos mesmos componentes comuns a construção da masculinidade: agressividade, misoginia, homofobia e dominação de mulheres (Welzer Lang, 2001). Desta forma, mulheres biológicas não estariam seguras em espaços exclusivos na presença de mulheres trans. Assim, para além do movimento feminista, Sheila Jeffreys (2014) lembra que quando transgêneros reivindicam utilizar banheiros, saunas ou outros espaços femininos, o resultado é que muitas mulheres se sentem constrangidas e param de usá-los, com prejuízo de sua possibilidade de participar do espaço público²¹. Os resultados tem sido o comprometimento da segurança, dignidade e

¹⁹ Além disso este tipo de linguagem tem como objetivo se dirigir com certa intimidade e senso de humor ao público específico contido na bolha do universo RadFem, que por outro lado, já espera este tipo de linguagem daquelas que considera serem influenciadoras neste universo. Como foi dito, trata-se de mulheres cujo renome no universo ciberfeminista antecede muitas vezes a rede social Facebook e que geralmente possuem certo know how no arcabouço teórico feminista e reproduzem parte dele na rede social.

²⁰ Perfil pessoal M.C. 03/07/2017.

²¹ Jeffreys (2014) inclusive lembra da importância de banheiros femininos exclusivos as mulheres, e usa o exemplo na Índia onde direito ao acesso de banheiros das mulheres ainda tem sido uma questão debatida.

privacidade das últimas, além das frequentes acusações de transfobia que recebem as reclamantes de espaços exclusivos. Além do mais,

Não é possível saber se estes são os homens que consideram que eles sejam transexuais ou transgêneros ou apenas homens que adotam roupas femininas, a fim de facilitar o seu acesso às mulheres e crianças, mas o problema de permitir que os homens entrem banheiros femininos persiste em ambos os casos. (Jeffreys, 2014: pp. 191)

Assim, este ponto tem sido objeto de disputa entre o transativismo, que de um lado afirma que casos de violência de mulheres trans contra mulheres e crianças são excessão e o movimento RadFem, que de outro, insiste no poder da socialização masculina como componente de agressividade e dominação de mulheres.

Um homem veste um niqab, estupra e mata um menino. [...] digamos que seja uma exceção. [...]Vale o risco? a partir de que número vale leiloar a segurança das mulheres por causa do sentimento dos homens? [...] O nosso ponto é que vocês são a mesmíssima coisa: negada ou festejada, a masculinidade de vocês continua ali, ela é evidente. Fingindo por um segundo que transformistas são "mulheres": como podemos diferenciar um homem vestido de "mulher" de um homem que "se sente" "mulher", se visualmente e biologicamente falando eles são a mesmíssima coisa? O garoto chato que tentava espiar o banheiro feminino no colégio é o mesmo que EXIGE a entrada em banheiros femininos hoje²².

Dentro desta questão, uma categoria frequentemente utilizada para explicar a violência sofrida perpetrada contra mulheres trans é “violência intra-masculina”, perpetrada entre homens em determinadas condições devido a socialização violenta e agressiva. Esta categoria explicativa aparece nas situações em são noticiadas agressões ou homicídios de mulheres trans e travestis. No pensamento RadFem a violência intra masculina possui a mesma natureza da violência que perpetua o abuso sexual, a violência doméstica, o homicídios de mulheres biológicas, e portanto, não seria da alçada do feminismo radical o acolhimento de mulheres trans.

Daniel, Francisco, Dayvison e Greyson matam Wilson por causa de alguma disputa de ponto de prostituição. [...] é um meio de exploração sexual inerentemente violento em que homens de saia matam homens de saia, homens de calça matam homens de saia, e ambos matam mulheres. [...]²³

Sobre a expectativa de vida de homem que se veste de mulher ser de 30 e poucos anos... Rapaz, primeiro que isso não é problema de mulher não; é violência intramasculina declaradíssima. Vocês que se resolvam aí, que nosso foco é fazer com que HOMENS, incluindo vocês, parem de nos violentar.[...]²⁴.

Considerações Finais

²² Perfil pessoal de M.C. 19/06/2017.

²³ Perfil pessoal de M.C. 19/06/2017.

²⁴ Chez Toble, 28/07/2017.

Neste trabalho foi tratada a emergência do feminismo radical nas redes sociais e a sua dinâmica discursiva. Mais que isso, nos dedicamos a mostrar suas categorias de análise, referenciais teóricos e a forma com que se atualiza em novas questões e relações _como é o caso do transativismo e a teoria queer. Mas para além das redes sociais, o RadFem tem se extravazado para blogs e sites nacionais e internacionais onde obras de teóricas como Germaine Greer, Janice Raymond, Sheila Jeffreys adquirem visibilidade e relevância através de traduções para o português feitas pelas ativistas. Também em vídeos no Youtube tem sido possível assistir jovens feministas falando sobre as pautas do RadFem. O que chama atenção nisso tudo não é o despertar de novos interesses sobre produções feministas clássicas, consideradas por muitos, apesar de suas contribuições, como “ultrapassadas”; mas a atualização continua de questões através de novos debates e reflexões. E sem dúvida, esta nova epistemologia feminista tecida entre o conhecimento feminista formal e as praticas, vivências e experiências cotidianas se traduz como uma nova experiência social de caráter coletivo (Scott, 1999).

Referências

ALVAREZ, Sonia E. Para além da sociedade civil: reflexões sobre o campo feminista. *Cadernos Pagu*, v. 43, p. 13-56, 2014.

ALVAREZ, *et.all.* Encontrando os feminismos Latino-Americanos e Caribenhos. *Revista Estudos Feministas*. vol. 11, n. 2, jul./dez.2003.

CAMERON, D. & SCANLON, J.. Talking about gender. *Trouble & Strife*. Disponível em: <http://www.troubleandstrife.org/new-articles/talking-about-gender/>

COACCI, T. Encontrando o transfeminismo brasileiro: um mapeamento preliminar de uma corrente em ascensão. *História Agora*, no 15, 2014.

HEILBORN, M.L. A costela de Adão revisitada: gênero e hierarquia. *Rev. Estudos Feministas* no 1, vol. 1. 1993.

JEFFREYS, Sheila. *Gender Hurts: a feminist analysis of the politics of transgenderism*. Londres e Nova York: Routledge Taylor & Francis Group, 2014.

LAMARÃO, F.G. Resenha *Gender Hurts: a feminist analysis of the politics of transgenderism* Sheila Jeffreys. *Direito e Práxis* Rio de Janeiro, Vol. 06, N. 10, 2015, p. 729-733, 2015.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Mitológicas I.O cru e o cozido*. São Paulo: Cosac & Naify, 2006.

MARTINEZ, F.J. O Conhecimento Feminista Na Era Digital: Grupos De Discussão Do Facebook Como Uma Nova Epistemologia Do Conhecimento.. In: Anais do 13o Women's World & 11o Fazendo Gênero, 2017, Florianópolis. 2017.

MIGUEL, L.F. Uma crítica lésbico-feminista ao discurso transgênero *Rev. Estudos Feministas*. vol.24 no.1 Florianópolis Jan./Apr. 2016.

NICHOLSON, Linda: Interpretando o gênero". *Revista de Estudos Feministas*, vol. 8,nº2, pp. 9-43, Florianópolis, 2000.

PISCITELLI, Adriana. Recriando a (categoria) mulher? In: ALGRANTI, L. (Org.). *A prática feminista e o conceito de gênero. Textos Didáticos*, n. 48. Campinas: IFCH/Unicamp, 2002.

RAYMOND, J. *The Transsexual Empire: the making of She-Male*, Theachers College Press: New York, 1994.

ROWLAND, R. & KLEIN, R. Radical feminism: History, politics, action in BELL, D. 1 & KLEIN, R. *Radically Speaking: Feminism Reclaimed*. Spinifex Press. 1996.

SANTIAGO, H. *Feminismo trans x feminismo radical: desconstrução e performance em conflito na geração pós-gênero*, anais do Seminário Internacional Desfazendo Gênero, 2013.

SCOTT, Joan W. Experiência in LEITE DA SILVA, Alcione et all (orgs.). *Falas de gênero*. Santa Catarina: Ed Mulheres, 1999

THOMPSON, D. *Radical Feminism Today*. Sage Publications: London, 2001.